

"O DIA" - 25.4.84

Resistência corta acessos a Maputo

Maputo encontra-se quase totalmente cercada pela Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), que está a travar com as forças da FRELIMO violentos combates a apenas cinco quilómetros da capital, a quem já cortou os acessos rodoviários e ferro viários.

Em comunicado ontem chegado à nossa Redacção, a RENAMO revela que a sua luta de libertação já está a ser levada ao interior de Maputo — guerrilha urbana —, tendo como alvos preferenciais os objectivos políticos e económicos.

O comunicado adianta que a RENAMO, nessa sua luta contra o regime marxista-leninista da FRELIMO, controla cerca de 80 por cento de Moçambique.

Um dos pontos igualmente focados pela Resistência é o dos "Direitos do Homem", acusando

o governo de Samora Machel de autorizar tratos desumanos contra cidadãos e presos políticos, como seja a flagelação — imposta por lei —, já condenada pela Amnistia Internacional.

A RENAMO salienta que as violações do regime comunista de Maputo exprimem o seu mais profundo desrespeito pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, pela Carta da Assembleia Geral das Nações Unidas e pela Convenção Internacional dos Direitos Civis e Políticos.

O comunicado refere-se ainda à Cruz Vermelha da Alemanha Oriental, que acusa de actuação discriminatória, pois só apoia as zonas controladas pela FRELIMO, o que viola o espírito da Cruz Vermelha Internacional.

ANC EM DIFICULDADES...

O governo sul-africano vibrou um severo golpe ao Congresso Nacional Africano (ANC), ao privá-lo das suas bases de apoio nos Estados negros vizinhos, mas continua a recear uma " reacção de desespero " do seu mais obstinado adversário.

O ANC — movimento nacionalista de libertação, ilegalizado — vai prosseguir a sua campanha de sabotagem, mas essa campanha não durará muito em face das recentes iniciativas de paz na África Austral, considerou recentemente o general Magnus Malan, ministro da Defesa da África do Sul.

Ao assinar acordos de não-agressão e de boa vizinhança com Moçambique e com a Suazilân-

dia, o governo sul-africano cortou a tradicional rota utilizada pelos "comandos" do ANC nas suas tentativas de infiltração na África do Sul. Os outros Estados vizinhos — Zimbabwe, Botswana, Lesoto — tinham já renunciado a servir de trampolim aos nacionalistas anti-"apartheid".

Pretória tem assim fundadas esperanças de reconstituir um "talude" de protecção, depois de o anterior se ter esborroado com a independência das duas ex-colónias portuguesas, Angola e Moçambique, seguida, cinco anos depois, em 1980, da do Zimbabwe, após a queda do regime rodésiano branco de Ian Smith.

Privado das suas bases tradicionais, o ANC reconheceu que terá agora de contar acima de tudo com as suas próprias forças e de acentuar a luta política e militar na própria África do Sul. Mas será que possui efectivamente os recursos para tal?

Fundado em 1912, o Congresso Nacional Africano é o mais velho movimento nacionalista do continente. Mas cerca de meio século de oposição legal (até à sua proibição em 1960) e mais de 20 anos de guerrilha não lhe permitiram triunfar do "apartheid".